



(<https://ww>

[w.matinaljor](https://www.matinaljor)

Edição anterior
(<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/revista-parentese/parentese-235-racismo/>)

[nalismo.com](https://www.matinaljornalismo.com)

[.br/parentes](https://www.matinaljornalismo.com.br/parentes)

e)

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)

Uma carreira com dois começos: entrevista com Luiz Antonio de Assis Brasil

28 fevereiro 2025 por [Luís Augusto Fischer](https://www.matinaljornalismo.com.br/autor/fischer/) (<https://www.matinaljornalismo.com.br/autor/fischer/>)

AA



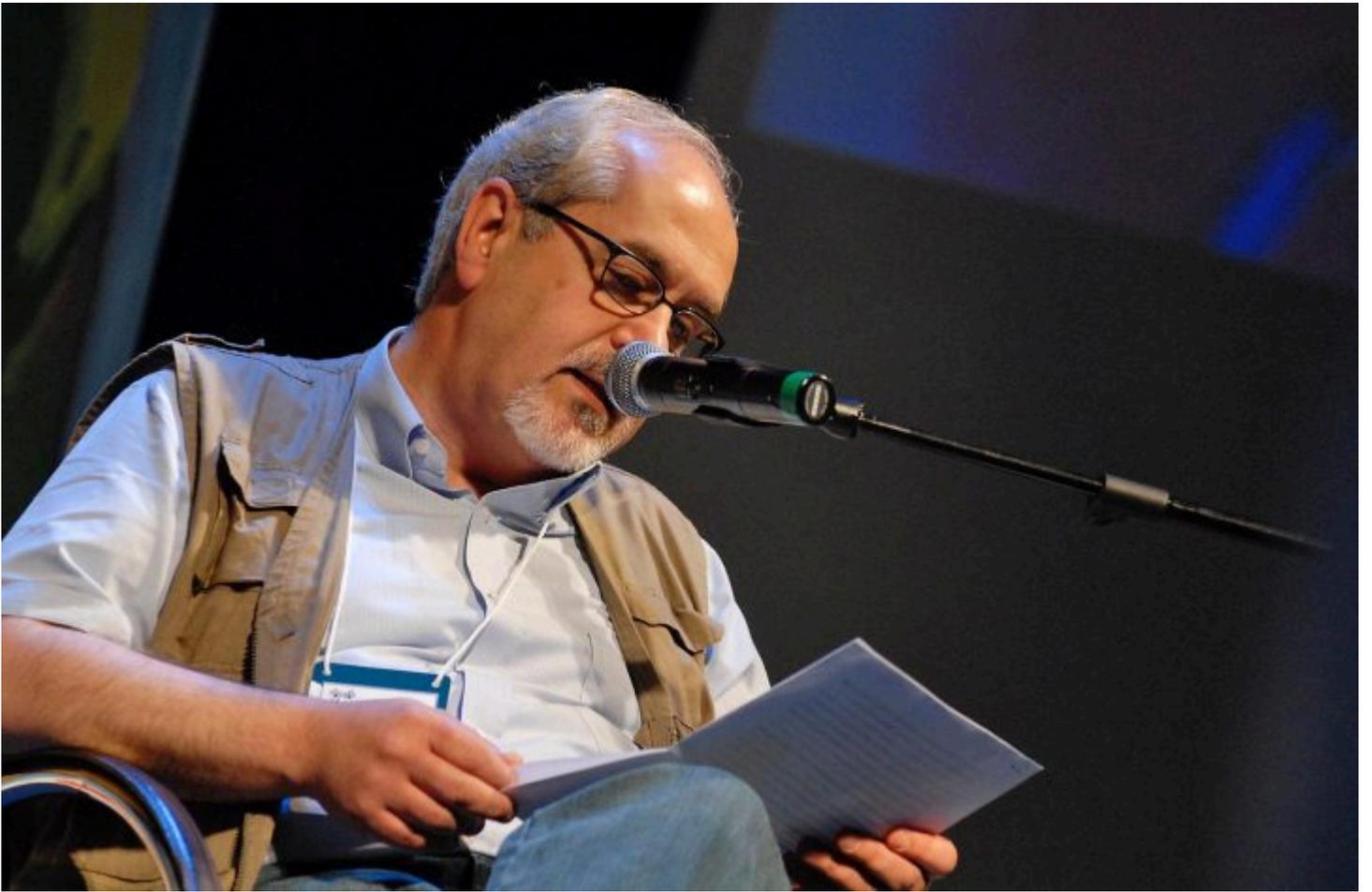
([/#facebook](#))

in

([/#linkedin](#))



([/#email](#))



Luiz Antonio de Assis Brasil em Paraty. Foto: divulgação.

A conversa que se vai ler a seguir deu muito gosto ao entrevistador, que espera sinceramente que o leitor se delicie igualmente. Deliciar-se não significa ler singelezas, facilidades ou trivialidades: o entrevistado é Luiz Antonio de Assis Brasil, romancista de larguíssima carreira (são vários romances, entre livros de outro teor, um dos quais resultante de sua também vasta carreira como professor orientador da mais antiga oficina literária do país, na PUC, *Escrever ficção*) e sujeito com uma visão aguda das coisas, como não poderia deixar de ser – um romancista precisa ser alguém aparelhado de um senso de observação fino, finíssimo, sob pena de ficar a pé na beira da estrada, cena que um compositor popular gaúcho descreveu muito bem como sendo aquela em que o camarada fica “de freio e pelego na mão”.

A lembrança desse gauchismo, se em nada ilustra o modo de Assis Brasil lidar com a cultura sulina, e não ilustra mesmo, serve como breve referência ao universo mental gaúcho: não o popular, o gaúcho como tipo social original, e sim aquele forjado na cultura letrada das classes proprietárias das antigas estâncias de criação de gado. Desse contexto nasce uma longa tradição de políticos, advogados, médicos, gente com um vago pé no galpão e a experiência do mando, quase sempre acompanhada de um diploma universitário. Gente que povoa a história local e nacional por gerações. Estão aí, como flores desse jardim, os Silveira Martins, os Simões Lopes, os Castilhos, os Assis Brasil, os Vargas, os Goulart.

Uma parte significativa da carreira do nosso romancista se dedicou a examinar com lupa crítica, muitas vezes amarga, de vez em quando porém com uma discreta ponta de orgulho (aquele orgulho que resta depois do exame crítico forte), exatamente essa gente, essa tradição. Pode-se dizer que assim foi por vinte anos, desde 1976, quando lança *Um quarto de légua em quadro*, ou mais precisamente a partir de 1978, com *A prole do corvo*, até 1997, com *Concerto campestre*, Assis Brasil se dedicou a esse universo, riquíssimo, povoado de

contradições a serem exploradas mediante o relato ficcional de vidas representativas. Foi por esse veio que críticos e leitores em geral reconheceram nele um herdeiro de Erico Verissimo, em sua face dedicada ao romance de fôlego histórico.

Mas, como a entrevista vai revelar, uma mudança forte se operou depois disso. A partir de 2001, diz o romancista, ao lançar *O pintor de retratos*, uma virada radical se operou. Foi um novo começo, diz ele, que de então em diante dedicou suas melhores energias a romances entranhados no universo da criação artística, com ênfase no universo musical. Perdeu leitores, conscientemente, para ganhar uma nova liberdade criativa. Em número, são menos livros publicados nesses últimos 24 anos; mas a bússola íntima, que no fim das contas é a que mais conta para o artista, indicou que era esse o rumo certo.

O Rio Grande do Sul mudou, o Brasil mudou, o mundo não é mais aquele. Luiz Antonio de Assis Brasil não está indiferente a nada disso, é claro. No ano em que completa seus 80 invernos, está polindo um novo romance, *Sinfonia O Milagre*, mais uma vez mergulhando no universo da música, um dos ambientes de origem do nosso entrevistado.

A entrevista foi feita por email, com idas e vindas que se estenderam por alguns dias de fevereiro de 2025.

P.S.: o compositor mencionado se chama João Marcos Kelbouscas, sobrenome improvável no passado das artes populares dedicadas ao cavalo e ao pago, talvez lituano ou algo por lá, autor de excelentes canções gauchescas focadas no trabalho do trabalho.

Luís Augusto Fischer – Começando pelo fim: já dá pra ter uma ideia da diferença entre estar na ativa e aposentar-se? E a sensação geral é a de dever cumprido?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Como passei a vida carregado de deveres, esses nunca terminarão e, portanto, nunca estarão cumpridos. “Aposentar-se” é desligar-se de alguns encargos acadêmicos, o que faço sob protesto; mas dar aulas tornou-se penoso, porque não tenho mais resistência física para tanto. E os alunos merecem um professor hígido, e não só da cabeça. Na verdade, ocorre aqui o clássico e sinistro descompasso entre a mente e o corpo. E não tenho nenhum Mefistófeles à disposição para fazer qualquer pacto.

Luís Augusto Fischer – A tua carreira como professor e pesquisador acadêmico não estava entre tuas preferências de juventude, ao que parece. Tu cursaste Direito e desenvolveste uma carreira de musicista, coisa que também não se improvisa. Conta por favor desses dois lados do teu empenho: como nasceram, como foi tua preparação.

Luiz Antonio de Assis Brasil – Quanto ao Direito, achei qualquer coisa de natural: um tio desembargador, um primo juiz, outro primo advogado. As relações dos meus pais andavam por esses grupos. Fiz vestibular, entrei em segundo lugar, fiz todo o curso direitinho. Um colega, hoje famoso criminalista, me convidou para integrar sua banca, mas com o tempo as ingressões ao fórum me deixavam mal. Saí do escritório. Não era aquilo que eu queria; nem a magistratura. Um dia o Paulo Brossard me convidou para substituí-lo em uma disciplina na Faculdade da

PUCRS. Aceitei. E comecei a dar aulas de Direito Civil; isso me agradou, e fiquei por alguns anos. De modo paralelo, fui transitando para as Letras, e, quando vi, estava apenas nas Letras, onde fiquei até agora.

Quanto à música, bueno, isso foi desde sempre. Aprendi violoncelo, participei da Orquestra Juvenil de Porto Alegre e depois fiz concurso para a OSPA, por onde estive por 12 anos. Mas a literatura foi tomando uma dimensão maior do que a música e aos poucos deixei a prática sinfônica. Me dei conta de que não tinha talento para ser solista; eu poderia ficar na OSPA indefinidamente, mas ser “músico de fila” por toda a vida não seria a melhor escolha. Vendi meu violoncelo por um dólar a um jovem músico. Então foi isso: aulas na pós-graduação, orientações, publicações, pesquisa. O que me ajudou muito foi que, a contar de certo ponto, eu trabalhava apenas com a escrita criativa. A PUCRS sempre me tratou muito bem, e sou totalmente reconhecido.

Luiz Augusto Fischer – Mas tu tinhas relações com o Paulo Brossard? Ele tinha sido teu professor? Porque um convite desses tem peso, certo? Brossard era já uma figura de destaque no cenário jurídico e no político.

Luiz Antonio de Assis Brasil – Sim, tinha, e foi central o fato de ter sido aluno dele – eu sentava na primeira fila –, fazia algumas intervenções que ele se demorava na resposta. Nos intervalos, ele me puxava para o cafezinho. Tudo isso foi sedimentando, posso dizer, uma baita relação intelectual e, posso dizer, de amizade – mantidas as naturais distâncias, claro.

Luiz Augusto Fischer – Ainda sobre a tua vida como musicista: de onde saiu

estudar violoncelo? Alguma história familiar com a música te levou a isso? Algum motivo específico para ter sido o violoncelo a escolha? Foi difícil largar a prática do instrumento?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Eu cantava no coral da capela do Santo Antônio do Pão dos Pobres, que fazia as vezes de igreja paroquial. Quando foi inaugurada a nova igreja, mesmo em frente, o maestro convidou vários músicos da OSPA para reforçarem a complexa missa de Vitória. Como o coro alto não era grande, esses instrumentistas ficaram colados aos coralistas, e a mim me coube ficar ao lado do violoncelista Roberto Aldré. Resultado: prestei mais atenção ao violoncelo do que à missa. Isso deu início a tudo. Mas a música não me era estranha: minha mãe era uma senhorinha que concluíra o curso de piano e tocava com correção, e meu pai escutava as transmissões, em ondas curtas, dos concertos e óperas do Teatro Colón e, às vezes, do Teatro Solís. Digamos, havia um clima mais ou menos musical na minha casa. Largar a prática do instrumento, depois de anos na OSPA, foi algo natural; eu não tinha vocação para ser solista; foi uma constatação que levou à ação. Mas hoje me considero mais músico do que antes, pois posso escutar música sem a tirania das notas musicais.

Luiz Augusto Fischer – A tua formação como leitor e, mais amplamente, como apreciador da arte, como se deu? A família pesou? O colégio? As amizades? A época?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Leitor foi meio ao natural. Havia alguns livros em casa, mas não preenchiam dois palmos da estante. Meu pai é que lia mais. Homem de esquerda, do Partidão, me levou a ler obras mais ou menos afinadas com isso. Mas o impulso maior foi na escola, no Colégio Anchieta, onde fiquei por sete anos. Meus professores, padres jesuítas, eram formados nas universidades alemãs

e suíças (hoje não tenho ideia de como está esse panorama) e eles me apresentaram o mundo da cultura em todas suas dimensões, mesmo as mais contemporâneas. O Existencialismo (na sua versão cristã): Emmanuel Mounier, Kierkegaard, por exemplo, e o Evolucionismo (com Teillard de Chardin) circulavam por nossas aulas. As literaturas inglesa, francesa e espanhola eram lidas em seus idiomas originais. O mesmo com a literatura latina; hoje sei quase de cor o *De bello galico*, a primeira catilinária, *As metamorfoses* e, claro, *A Eneida*. No Anchieta havia um Grêmio Literário, organizada na forma de academia, e minha cadeira tinha como patrono Cruz e Souza. Tínhamos reuniões semanais, ao entardecer das quintas-feiras. Eu poderia falar um livro inteiro sobre essas minhas experiências escolares, que foram o grande estímulo, o necessário e insubstituível incentivo para o que eu viria a fazer depois.

Luiz Augusto Fischer – Então fala um pouco mais, por favor: naqueles tempos de juventude te passava pela cabeça em algum momento vir a ser autor de livros? Havia estímulo para isso? Não sei se estou errado, mas me parece que era raro e mesmo raríssimo o aprendizado de literatura ser acompanhado pelo estímulo à produção de textos, até poucos anos atrás. E outra: algum colega de época se converteu em escritor, mesmo no sentido amplo da palavra?

Luiz Antonio de Assis Brasil – A literatura surgiu com a leitura do Érico, que, para mim, era o máximo de um autor. Minha lógica, na altura, era: escrever é assim tão simples? Não por nada que eu, tal como outros tantos, apresentavam influências do Érico. Isso foi “confirmado” por um artigo do José Hildebrando Dacanal, o qual escreveu, no “Correio do Povo”, em 1976, que eu era o sucessor, tematicamente falando, do Érico Veríssimo. Claro, minha visão acerca da obra dele mudou bastante, e quando vejo que em 2025 transcorrem 50 anos de sua morte sem qualquer previsão a assinalar a efeméride, me pergunto: o que

acontece com o legado do Érico? Mas bem: nenhum colega se tornou escritor, nem no sentido amplo, pois foram se dedicar a suas carreiras “sérias”. Era o “marasmo cultural”, de que falava o Iberê; éramos província e continuamos província – da pior espécie. Há quantos anos não se constrói um prédio de arquitetura inspirada e inovadora, em Porto Alegre? Um monumento que tenha alguma arte? Se tínhamos algum espírito, este naufragou nas águas da última enchente.

Luiz Augusto Fischer – Que lembranças vivas tu tens da Porto Alegre da tua infância? Havia alguma rotina na tua vivência da cidade?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Minha infância, até os 12 anos, foi em Estrela, zona de colonização alemã. Lá aprendi o “alemão” (dialeto do Hunsrück), e fazia vagens ao interior profundo da colônia, acompanhando compromissos profissionais do meu pai. Em certas casas, só se falava o “alemão”, e eu sabia tudo o que falavam, e eu mesmo sabia dizer algumas frases decoradas e outras, que com a passagem do tempo, eu inventava. Aliás, quando viemos para Porto Alegre fui estudar no Goethe-Institut, o que depois me valeu o prêmio de uma estada no Bayern, para aprofundar a língua, e principalmente para “corrigi-la” para o “verdadeiro alemão”. Mas ainda na colônia: o que mais me valeu, depois da língua, foi o conhecer a “alma colona”, seu modo de pensar, seu amor à Bíblia (os evangélicos luteranos sempre a tinham, em casa), seu sentido de ordem, regularidade e respeito à autoridade. Depois, casei com uma descendente de colonos alemães.

Minha juventude, em Porto Alegre, foi prejudicada por um rígido controle de meus pais, com horário de chegar em casa, proibição de vícios (solitários ou comunitários), enfim, o que me sobrava eram os livros e a vida intelectual provinciana (hoje ficou pior), que incluía cinema (a “nouvelle vague” e os italianos

que despontavam, Fellini, Visconti, por exemplo). Eu, claro, ia nas sessões da tarde, já que as noites eram interditadas. Fiz alguns amigos próximos, que levavam uma vida igual à minha, e lembro de alguns deles, o mais próximo foi o Luiz Arthur Nunes, e também o José Ronaldo Faleiro, que me apresentaram aos Beatles. A tia de um deles havia trazido um disco da banda, e logo que escutei, todo o sentido da vida se perdeu: aquilo era algo completamente novo, insuportavelmente excepcional, e lembro que saí esmagado de lá: eu nunca chegaria aos pés daqueles guris cabeludos (o que o futuro confirmou) – meu destino era o anonimato perpétuo. Foi uma epifania e um baque de que, acho, nunca me recuperei.

Se eu fizesse uma imagem de mim, eu mostraria um jovem cheio de ideias, vagando nas tardes de inverno numa Porto Alegre congelada, com livros embaixo do braço, fugindo das tentações que se representavam na figura feminina, uma entidade atraente, perigosa, inalcançável. Também me via na Biblioteca Pública, cercado do pseudo-luxo daquele formidável Kitsch. Gostava, entretanto, da penumbra requintada da Biblioteca Pública, seus quadros amadores nas paredes e, em especial, do cheiro, uma amálgama de coisa velha, couro, papel, cola, madeira antiga. Sentar-se numa daquelas poltronas era sentir-se o príncipe de um reinado decadente, pleno de cultura e livros. E só. Isso foi minha juventude em Porto Alegre.

Luiz Augusto Fischer – Quando surgiu teu primeiro romance, *Um quarto de légua em quadro – Diário do doutor Gaspar de Fróis, Médico*, em 1976, houve, creio que se pode dizer, uma comoção entre os leitores: era um romance muito bem estruturado, com uma forma e um tema relativamente originais entre nós. Gostaria de puxar pela tua memória: como foi conceber aquela história, focada num passado que parecia inacessível até então para a sensibilidade do nosso

tempo, uma vez que o Rio Grande do Sul tinha até então, no domínio do romance, uma dominância ou urbana moderna, desde Dyonélio e Erico, ou rural ligada às estâncias e ao mundo do pampa, com o ponto alto de Erico. Tu tinhas alguma intimidade com documentos daquele tempo, meados do século 18? E as leituras que estavam na tua formação, quais eram? Se relacionavam com o que veio a ser o teu primeiro romance?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Pois esse livro surgiu na combinação da obra histórica do Érico com uma apendicite. A apendicite me levou ao Moinhos de Vento e naqueles tempos de recuperação lentíssima, fiquei de molho, em casa, por um mês. Ali peguei um livro que tinha há muito, chamado *Casaes*, do General Borges Fortes, uma publicação de 1935, comemorativa ao centenário da Guerra dos Farrapos. Os *casas* nada mais eram do que os casais açorianos que vieram povoar esta região entre 1748-1752. Reconheci ali meus antepassados, de pai e de mãe. E me surgiu a ideia de escrever uma obra histórica sobre o tema. Comecei-a, de fato. Mas a meio caminho se transformou em romance, e romance recebido com generosidade, haja vista as palavras do Dacanal, aí acima. De certo modo, e sem me dar conta, eu recuperava um fato antigo completamente esquecido, sendo domínio apenas dos senhores do Instituto Histórico e Geográfico do RS. Mas foi tudo muito naïf, de minha parte. E seguiu sendo, com romances que tinham o cenário do RS do século XIX; aos poucos é que, mesmo mantendo esse cenário, deixei de lado o histórico e me fixei mais na psicologia das personagens, utilizando uma linguagem mais econômica, quase radical, e isso a partir de *O pintor de retratos*. Meus leitores tradicionais odiaram, mas fazer o quê? De um tempo para cá, escrevo o que gostaria de ter lido, nem que meus leitores venham a se resumir aos dedos de uma mão. Talvez agora, e sem o desejar, uma nova geração venha a ler meu próximo livro, com o título de *Sinfonia O Milagre*, uma narrativa em primeira pessoa, fortemente ancorada nas minhas experiências existenciais, tal como o público novidadeiro e *voyeur* adora. Não me estou entregando à moda; apenas a um impulso interno.

Luiz Augusto Fischer – Como foi, nesse primeiro romance, manter no prumo a construção? Não é trivial contar uma história longa, com personagens diversos, com toda uma diferença de horizonte mental entre o escritor e o enredo, como neste caso. Havia alguma certeza íntima tua, para além da experiência como leitor (do Erico, entre outros)?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Esse primeiro romance, e vários outros que se seguiram, foi na intuição e na muita leitura. Claro, eles contêm erros primários, quer de linguagem, quer de estrutura – não digo que os atuais não os tenham, claro, mas penso que são menos frequentes. Quer dizer: eu era um total naif nesse aspecto.

Luiz Augusto Fischer – Nesse momento inicial da tua trajetória de romancista – digamos, até *As virtudes da casa* (1985), de alguma forma se desenhavam já algumas das premissas que depois viriam a ser nítidas para ti, a ponto de figurarem no teu excelente *Escrever ficção* (de 2019)? Lembras alguma situação em que te ocorria anotar algum procedimento como sendo válido e pertinente para outros romances e mesmo outros escritores?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Ah, sim, e muito. Era meu “laboratório pessoal”, sempre atualizado. Tenho uns 8-10 cadernos desses tempos, em que os apontamentos vêm misturados a alguns dados da minha vida pessoal. Eu, de alguma forma, achava que poderiam ser úteis, só não sabia como. Até que chegou o momento. Mas alguns dos apontamentos foram superados por reflexões mais recentes. Por exemplo: para a personagem, eu fazia uma espécie de questionário e uma ficha; depois, aborrecido dessa prática adjetiva, resolvi definir a

personagem através de seu mundo interior (a que chamei de questão essencial), de conteúdo psicanalítico – desse modo, o que era principal (fichas, questionários) tornou-se irrelevante, ou pior: prejudicial. E assim, mudei também o conteúdo das minhas aulas sobre o tema.

Luiz Augusto Fischer – *Cães da província* (1987) é um marco na tua trajetória, em mais de um sentido, não? Foi um doutorado raríssimo entre nós, até então, e te habilitou formalmente a orientar pesquisas acadêmicas. O fato de lidar com uma pessoa real, como o maldito e amalucado Qorpo-Santo, terá sido uma diferença importante, certo? (Me permita acrescentar que lembro da minha alegria ao ver a dedicatória do livro do agora falecido Aníbal Damasceno Ferreira, “o verdadeiro descobridor” do infeliz escritor. Alegria porque, como tu, fui amigo do Aníbal e sabia da história do Guilhermino César, que se beneficiou muito do trabalho pioneiro do Aníbal e nunca o reconheceu por isso.) Como foi a pesquisa documental? Quantos fantasmas que circulavam naqueles tempos, desde os anos 50, tu tiveste que arrostar? E falando nisso: quando mais jovem tu acompanhaste a saga das primeiras montagens das peças do Qorpo-Santo? Lembras algo relevante para a tua compreensão do caso e da cidade?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Meu interesse pelo Qorpo-Santo era antigo, mas no campo do folclore familiar. Meu avô materno, Octavio Vicente Pereira (nasceu em 1872), viveu a infância na Rua da Praia, e tinha 11 anos quando Qorpo-Santo morreu. Eram quase vizinhos. Ele me contava de um “poeta maluco”, muito estranho, que andava pela rua sem cumprimentar ninguém, “sem nem tirar o chapéu”, mas que parava para conversar com o pai dele (pai do meu avô), Nicolau Vicente Pereira, dono de loja na mesma Rua da Praia, e membro do Partenon Literário; tem colaborações (muito ruins) na célebre revista, é só ler. Imagino que as conversas eram literárias, mas podiam ser sobre o preço dos tecidos. Passou-

se um tempo enorme. Eu já estava na Universidade, segundo ano, na PUC da Praça da Conceição. Quando estourou o caso Qorpo-Santo (um dia alguém escreverá sobre isso), me estalou algo da infância, liguei as coisas. Comecei a me interessar, é claro, pela lambança, nas páginas do “Caderno de Sábado”, acerca daquele “maluco” do meu avô. Quando o Sena levou o espetáculo dele, no palco do Clube de Cultura da Ramiro, fui lá, e fiquei espantado pelo non-sense das peças (uma dela era “As relações naturais”). Saí de lá sem entender muita coisa dos enredos, mas achei tudo bastante perturbador. Mais um tempo se passou, e eu já tinha publicado alguns livros; quando surgiu a história da tese, eu precisava de algo novo, e houve alguém (deixemos assim) que me sugeriu escrever um romance sobre o Qorpo-Santo, e foi uma luz. Achei que eu tinha com “legitimidade” para escrevê-lo, e então fui atrás de maiores informações, que eram raríssimas, conversei com o Damasceno, li a *Ensiqlopedia*, emprestada generosamente pelo Júlio Petersen (que depois foi adquirida pela PUC, junto com a biblioteca do Júlio); enfim, não foi “difícil”; o que faltava eu fiz como qualquer ficcionista faz: enchi com a imaginação.

Luiz Augusto Fischer – Queria saber mais do caso de *Videiras de cristal*, que depois passou a ser publicado como nome do filme que o adaptou, *A paixão de Jacobina*: como tu encaraste essa espécie de missão, que te liga agora a Josué Guimarães, que tinha publicado com grande impacto, nos anos 1970, seu *A ferro e fogo*, com dois volumes, recriando a chegada dos germânicos no estado, e que, ao que se sabe, tinha a intenção de alcançar o episódio Mucker, base do teu romance? Tu te dedicas o livro a ele, certo? Foi difícil ter a sombra do Josué?

Luiz Antonio de Assis Brasil – O assunto dos Mucker partiu de uma pergunta que me fez a Valesca [de Assis, esposa]: como será que esses alemães, tão ordeiros e respeitadores, se meteram nessa barbaridade? Foi então que veio à cabeça a

experiência que eu tinha acerca da colônia alemã, e que já contei. O conhecimento próximo da “alma alemã”, a língua, tudo. Ocorre outro fato: a Valesca é neta do Dr. Christian Fischer (que ela conheceu, ele com 100 anos), médico alemão que chegou em São Leopoldo em pleno episódio dos Mucker. Claro, viria a ser personagem do romance. À busca de elementos concretos, visitei mais de uma vez o Ferrabrás, levado por um livreiro de lá, o sr. Arti Hugentobler, conversei e conversei com pessoas de lá. Quando o Arti dizia que eu era escritor e iria escrever sobre os Mucker, um deles me disse: “Mas para quê? Já tem o livro sobre os Mucker”. Ele se referia à obra parcialíssima e apologética do Padre Ambrósio Schupp S.J., *Os Muckers*. Positivamente, meu livro não seria isso. Bueno: o Josué, de quem eu era amigo, tinha, como se sabe, previsto o fechamento da trilogia *A ferro e fogo* com um romance que seria *Tempo de angústia*, dedicado aos Mucker. Claro, o tema era dele. Caí em mim. Recolhi o meu cavalo, tirei os arreios e larguei no pasto. Subitamente, a Nídia avisa que o Josué está muito mal, no [hospital] Moinhos [de Vento]. Nem nos permitiu acesso ao quarto, e fez bem. Depois da morte dele, e até em homenagem a ele, dediquei-lhe o *Videiras*. Na primeira na fila de autógrafos, livro em mãos, a Nídia, acompanhada pelo [Joaquim] Felizardo. Não acredito em nada, mas naquele momento era como se o Josué estivesse me abençoando. Agora fiquei sentimental.

Luiz Augusto Fischer – E como foi ver o livro filmado? Te frustrou? Te alegrou? As duas coisas? E outras adaptações para narrativa de cinema ou tevê, como tem sido?

Luiz Antonio de Assis Brasil – O filme? Horrível, uma fantasia sentimental. Das outras adaptações, o melhor foi o Concerto Campestre, do Henrique Freitas Lima.

Luiz Augusto Fischer – Foi por esse tempo, meados dos anos 80, que começou o teu trabalho na Oficina, certo? Como foi isso? Alguma inspiração em particular? E como a universidade recebeu a ideia?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Uma conjunção de circunstâncias: eu já dava aulas na PUC havia 10 anos, tinha alguns livros publicados... Mas tudo partiu de uma sugestão do escritor Jaime Cimenti, que achou que eu era preparado para isso. A recepção, dentro da Universidade, em especial na PRPPG (Elvo Clemente à testa), foi excelente, e assim se manteve ao longo desses 40 anos. Sem esse apoio, a oficina nunca teria acontecido – nem se mantido. Tenho de louvar essa atitude: uma experiência nova, cheia de incógnitas, isso dá desconfiança, se não, medo. Mas deu tudo certo.

Luiz Augusto Fischer – E como tem sido manter o trabalho por 4 décadas, alcançando resultados notáveis sempre, a julgar pelos depoimentos de ex-alunos: uma coisa tranquila? Requereu mudanças significativas, em ti e/ou no método? Em que medida as sucessivas novidades de mercado – as modas da autoficção, o aparecimento da narrativa como testemunho de pessoas da periferia, muitas vezes sem escolaridade boa, etc. – te impuseram mudanças na Oficina?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Um dado real: meus alunos ficaram cada vez mais jovens – especialmente depois que começamos a fazer seleção para ingresso. Isso me atualizou com novas vivências literárias e existenciais, o que me possibilitou dialogar com as novidades e com as modas e modinhas que vêm e que vão. Já aprendi a não me entusiasmar em demasia com elas, nem com escritores (agora são escritoras, em sua maioria) que lançam um livro e são considerados

ficcionistas do século. Aprendi a avaliá-los pela carreira; a chance de engano é menor. Há gêneros que estão na onda, como a fantasia, o terror, a aventura etc.; se não são minha leitura dominante, respeito meus alunos que têm essas preferências; minha atuação é no sentido formal, isto é, primeiro entender a proposta e, então, dar sugestões estruturais, de focalização, de fixação do conflito, da coerência das personagens etc. Não interfiro no conteúdo, por mais estranho que esse me pareça. Quanto ao método, sim, ele evoluiu e continua evoluindo. Tenho dado preferência aos estudos de caso (em forma de seminários) e propostas mais abrangentes, conotativas (o que me leva a renunciar um pouco ao meu pensamento *iluminista*). Bem no começo eu era apegado aos itens habituais da teoria, e a partir disso eu fazia as propostas de narrativas, quer dizer: um método de cima para baixo. Agora, eu formulo alguma teoria ad hoc, mas a partir desses estudos de caso, e aí entra alguma dose de intuição, e o pessoal recebeu melhor. Mas estou sempre atento a possibilidades de alteração do método.

Luiz Augusto Fischer – Voltando à tua obra: depois de *Videiras de cristal* dá a impressão de que tu concentraste esforços numa obra por assim dizer ciclópica, *Um castelo no pampa*, que alcançou três volumes alentados e soa, talvez, como um epitáfio, uma culminação do teu mergulho nas elites estancieiras formados do Rio Grande do Sul. Foi isso mesmo? Tu tens qual sentimento em relação ao tema local, ou a cenários e personagens locais: tarefa cumprida? Esgotamento pessoal do artista com esse material?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Tudo isso junto e incluído. Dei um tempo ao Rio Grande (e na minha idade, esse tempo tende a ser vitalício), não só pela decadência em que se encontra, pela apatia geral, pela falta de ambição, mas por encontrar no Rio Grande certo pensamento reacionário, amplificado

canhestramente pelos centros de tradições, igualmente em processo de fim de ciclo. Aborreço todas essas manifestações passadistas e decadentes, e aí vai junto toda a história do RS. Estou noutra espírito, e lamento por ter perdido tanto tempo a trabalhar com esses temas e na perspectiva com que os tratei. Minha obra começa com *O pintor de retratos*, quando entendi, de fato, que a literatura é a alma humana.

Luiz Augusto Fischer – O que tu entendes como “decadência” do Rio Grande do Sul? Tu chegas a falar numa decadência associada com “apatia geral” etc. Seria possível explicar tua visão desse fenômeno? Seria algo econômico? Também político? Diga lá.

Luiz Antonio de Assis Brasil – A decadência do RS: é visível. Basta andar pelas ruas de Porto Alegre, metonímia do Estado. Fomos incompetentes na gestão da última enchente, e não aprendemos nada. Não temos qualquer relevância política no País. Não construímos uma biblioteca pública há 110 anos. Agricultores, salvo da economia familiar, só se queixam. Nossa indústria estacionou, mantendo-se apenas as tradicionais. O turismo é completamente nulo. Os voos para o Rio Grande são só de passagem. Há mais de uma década que não conseguimos decidir o que fazer com o cais do porto de Porto Alegre, e a orla do Guaíba ficou uma coisa tacanha, sem inspiração. Enfim: só vem ao Rio Grande quem precisa. Isto só tem um nome: decadência.

Luiz Augusto Fischer – *Concerto campestre* é mais um encontro de duas vertentes da tua atuação, como conhecedor do mundo da orquestra, que é todo um ambiente, e da criação literária, como antes, em outra chave, tu tinhas

publicado *O homem amoroso*. Escrever sobre o vivido, como neste caso, facilitou tua vida de criador? Atrapalhou? Por quê? E o caso recentíssimo de *Leopold*?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Olha, escrever sobre o vivido, como sabes, é o cotidiano de qualquer escritor. Mas no meu caso, isso se torna mais evidente, em especial quando me voltei para as ricas possibilidades literárias da música. O caso de *Leopold* é bem isso. O tema passou a me estimular a partir de uma conversa à mesa com a Valesca: falávamos sobre o iluminismo católico da segunda metade do século 18, em especial na Europa central, especialissimamente no sul da Alemanha e na Áustria. E citei Leopold Mozart como um exemplo de intelectual que conseguia conjugar esses pensamentos aparentemente antagônicos. E a Valesca me interrompeu: “Já pensou na cabeça do pai de um gênio?”. Referia-se, claro, ao filho, Wolfgang Amadeus. Ideia luminosa. Então parti para o projeto e escrita do *Leopold*, que, eu sabia, não teria qualquer aceitação no meio brasileiro. Me surpreendi, até, que o livro continua entre os mais vendidos em música da Amazon. Mas seu público é outro, e fico contente que em 2025 sairá na Alemanha, pela Sujet Verlag, de Bremen. Ali será o verdadeiro teste. Afinal, não existe nenhuma ficção sobre o Leopold Mozart. Mas, como dizia Cristo, tudo isso me vem por acréscimo, pois, antes de tudo, agora, me importa ser fiel ao que eu quero escrever.

Luiz Augusto Fischer – Acima tu mencionaste que teus “leitores tradicionais” não aceitaram com o mesmo gosto ou entusiasmo tua obra a partir de *O pintor de retratos*, que se ocupa menos (digo eu) dos processos históricos do estado e mais de questões sutis da produção artística, dos sentidos implicados na tarefa artística, um veio mais cosmopolita, digamos, que se mantém até agora, já há mais de 20 anos. Duas questões sobre isso: essa perda de leitores te aborreceu intimamente? Era inevitável a mudança para esse novo caminho criativo?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Considerei essa perda como natural, sendo eu o responsável por inteiro. Coisas da vida. Não me aborreceu em nada. Eu não poderia ser capaz de repetir a mim mesmo apenas para “segurar” leitores. E sim, essa mudança era inevitável, pois eu tinha mudado em relação aos temas “históricos”.

Luiz Augusto Fischer – O que vem vindo por aí? Planos? Como serão os teus 80 anos completos, do ponto de vista da criação? Teremos memórias também?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Memórias não cogito, por irrelevantes, e, ademais, por serem todas floreadas, tendo algum objetivo. *Memorial de Santa Helena* (a ilha, claro), do Napoleão, foram escritas para enaltecer a si mesmo. Já a série de livros memorialísticos do Pedro Nava é diferente, pois são textos literários. Há outra coisa, ainda: os escritores de hoje já não têm biografia, ao estilo do Hemingway ou outros. Hoje, os escritores têm seus empregos, vivem com certo conforto, vão à praia e levam os cachorros para espaiar. Isso nunca daria biografia e, muito menos, memórias. 80 anos? Para não bater nenhuma melancolia, venho dizendo, desde os 75, que tenho 80 anos, só para receber elogios de como estou moço para a idade etc. Assim, os 80 anos não serão novidade, assim como a velhice não o foi. O que escrevo? Estou revisando (o que me ocupará todo 2025, não tenho pressa), um texto de forte cunho autorreferencial, em primeira pessoa (sem ser autoficção, claro), e que, mais uma vez, circula em torno da música. Chama-se, por enquanto, *Sinfonia O Milagre*.

Luiz Augusto Fischer – Uma derradeira pergunta: tendo em vista a tua visão sobre o RS, queria saber como tu vê o Brasil. Te dá esperança? Ou a sensação se

assemelha àquela sobre o RS? Alguma parte do Brasil te parece interessante para viver ou ao menos para ter como referência positiva?

Luiz Antonio de Assis Brasil – Nosso País, de maneira crescente e tosca, cada vez mais cultiva as diferenças regionais, e nesse processo há o estímulo do atual pensamento da direita. Nos tornamos ilhas raivosas umas contra as outras, num processo que, ao fim, resulta esquizofrênico. É um caminho irremediável. Tornou-se, agora, impossível pensar na nacionalidade, e não há mais pensadores que julguem competentes para entender o que passa conosco. Aliás, “nacionalidade” tornou-se um conceito ultrapassado, perdido para sempre. “Brasil” virou um conceito virtual, abstrato e intelectualmente inidôneo. O que nos estimula é o fato de que persiste a diversidade cultural, que vai além das representações artísticas. Resta pensar, entretanto, na genuinidade dessas representações, que começam a ser subsumidas por artificialismos estéticos. O extravagante “paulistismo” interiorano, de chapéu de caubói, comercialmente provocado, inunda o país com uma breguice que quer nos naufragar na superficialidade e na ignorância hipersexualizada – e isso é um prato cheio para, mais uma vez, a direita nacional, que já não aceita a lógica integradora e virtuosa de um Plínio Salgado ou Gustavo Barroso. Ainda mais: é grave o grau de egoísmo das classes privilegiadas; em matéria de solidariedade, são as pessoas pobres que a exercem em relação a seus pares sociais. E são essas mesmas classes privilegiadas que patrocina o mau gosto geral; se antes a riqueza era refinamento e gosto artístico, hoje virou cafonice e grossura. O grito e o insulto estabeleceram a forma geral de comunicação entre as pessoas. As conversas não duram mais do que um Credo. Soluções? Não me atrevo a tanto, mas penso que passa pela educação, capaz de construir o juízo crítico. Mas não vejo as pessoas habituais se importarem com isso.

Confira abaixo o trecho inicial do novo livro de Assis Brasil, *Sinfonia O Milagre*, ainda inédito:

ENTÃO EU VEJO E OUÇO A ORQUESTRA FILARMÔNICA, e minha sobrinha, sentada ao meu lado, vive um drama pessoal, o rompimento tormentoso de uma grande paixão, o que faz com que ela atinja os últimos limites da sanidade. Seu perfil, não fosse o ricto a revelar a secura nervosa da boca, seria bonito pelo frescor e pela simetria não tocados por qualquer maquiagem. Minha amiga Ewa insiste para que eu vença a indolência e esqueça a ideia maluca de que sou velho e me diz para não abandonar essa prática de trazer Valentina a concertos, mesmo que Valentina, eu suspeito já agora, aceite vir comigo apenas para me agradar e isso me faz escolher os programas com cuidado para que ela não se entedie. Trazer Valentina a concertos existe desde que eu e minha ex-mulher criamos esse hábito, que eu mantive depois de que nos divorcamos. Ewa, no Café do Theatro, no interior da única edificação que salva minha cidade do anonimato arquitetônico universal, me disse há uma semana, guardando na bolsa os óculos de aros redondos e pretos, que eu deveria deixar ser preguiçoso e sim, fazia todo o sentido trazer minha sobrinha a este concerto de fim de tarde, bem a jeito, que tem no programa a sinfonia O Milagre de que eu tanto gosto, não apenas para manter a tradição, mas porque Valentina, como ambos sabemos, está com as emoções vulneráveis e não se trata da crise das longas adolescências atuais, é coisa muito mais séria, pontual; Ewa acompanha o desenvolvimento de Valentina, desde sempre, vivem em edifícios próximos na praça da Catedral (conheci Ewa numa tarde em que fui ao apartamento da minha irmã para buscar Valentina criança) e me diz que tem acompanhado a assustadora degradação emocional de Valentina nas últimas semanas, depois que Aleix rompeu com ela e isso não foi o fim mas o começo de alguma coisa bem mais sinistra, e isso é grave, mandou uma mensagem em que falava em morte, eu me horrorizei, Ewa me explicou que não era sobre a morte de ninguém, mas uma citação de autoajuda, mas é grave igual,

e agora mesmo Valentina lança o olhar pisado de lágrimas por cima do ombro decerto à busca de Aleix na plateia, eu já lhe disse para esquecer esse rapaz, não se martirizar por isso, melhor concentrar-se na Sinfonietta de Janáček.

RELACIONADAS

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)



(http
s://
ww
w.m
atin
aljor
nalis
mo.c
om.
br/p
aren
tese
/entr
evist
a/jo
ao-
biehl
-
deb
ate-
jam
mert
hal-
o-
vale
-da-

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)

Entrevista com João Biehl, autor de "Jammerthal, o Vale da Lamentação"

(<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/entrevista/joa...>)

14 março 2025 às 14h00

lame
ntac
ao/)

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)



(http
s://w
ww.m
atinal
jornal
ismo.
com.
br/pa
rente
se/en
trevis
ta/lui
z-
augu
sto-
fisch
er-
entre
vista-
emili
o-
chag
as-
um-
dos-
respo
nsav
eis-
pela-
revist
a-
ticao/
)

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)

Luiz Augusto Fischer entrevista Emílio Chagas, um dos responsáveis pela Revista Tição

(<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/entrevista/lui...>)

28 fevereiro 2025 às 14h00

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)



(http
s://w
ww.m
atinal
jornal
ismo.
com.
br/pa
rente
se/en
trevis
ta/luis-
augu
sto-
fisch
er-
entre
vista-
clebe
r-
dioni-
tenta
rdini/)

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)

No fio da história: entrevista com Cleber Dioni Tentardini (<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/entrevista/luis-augusto-fischer-entrevista-cleber-dioni-tentardini/>)

21 fevereiro 2025 às 14h00

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)



(https
://ww
w.mat
inaljor
nalism
o.com
.br/pa
rentes
e/entr
evista
/em-
busca
-de-
leitor-

Entrevista (<https://www.matinaljornalismo.com.br/categoria/parentese/entrevista/>)

Em busca de leitor: entrevista com Jasmin Ferrutti (<https://www.matinaljornalismo.com.br/parentese/entrevista/em-busca-de-leitor-entrevista-com-jasmin-ferrutti/>)

07 fevereiro 2025 às 14h00

entrev
ista-
com-
jasmin
-
ferrutt
i/)

;